





## Uma Leitura Implicada de *O Pesquis-a-dor Social: Pesquisa, Educação e Ética na Produção do Conhecimento*

 Publicado em acesso aberto sob uma licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) 

**Resumo:** Esta resenha tem como objetivo analisar criticamente a obra *Pesquis-a-dor Social nos Estudos de Linguagem*, destacando seus principais eixos teóricos e éticos. A coletânea propõe uma reflexão aprofundada sobre o fazer científico, questionando a ideia de neutralidade na pesquisa e enfatizando o papel do pesquisador como sujeito histórico, implicado nas escolhas teóricas, metodológicas e discursivas que atravessam a produção do conhecimento. Ao longo da leitura, são discutidas questões centrais como linguagem, educação, ética, decolonialidade e responsabilidade na representação do outro. A resenha percorre os diferentes capítulos da obra, buscando oferecer ao leitor um panorama geral dos debates propostos, ao mesmo tempo em que evidencia os deslocamentos teóricos e pessoais provocados pela leitura. Ao assumir uma escrita implicada, o texto destaca como a obra convoca o leitor-pesquisador a refletir sobre seu lugar na pesquisa e sobre as consequências éticas de seu dizer, compreendendo a investigação científica como prática intelectual, social e profundamente humana.

*Palavras-chave:* Pesquis-a-dor Social, ética, pesquisa, educação, linguagem.

**Abstract:** This review critically analyses the work *Pesquis-a-dor Social nos Estudos de Linguagem*, highlighting its main theoretical and ethical axes. The collection proposes a deep reflection on scientific practice, questioning the notion of research neutrality and emphasising the researcher's role as a historical subject implicated in theoretical, methodological, and discursive choices that shape knowledge production. Throughout the reading, central issues such as language, education, ethics, decoloniality, and responsibility in representing the Other are discussed. The review traces the work's various chapters, offering readers a general overview of the proposed debates while highlighting the theoretical and personal shifts provoked by the reading. Adopting an implicated writing approach, the text underscores how the work calls upon the reader-researcher to reflect on their position within research and the ethical consequences of their discourse, understanding scientific investigation as an intellectual, social, and deeply human practice.

*Keywords:* social researcher, ethics, research, education, language.

**Monica Bowee Wenger**

Discente, Instituto Federal São Paulo, Cubatão, SP, Brasil

Técnica em Administração, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

 <https://orcid.org/0009-0005-0230-1493>

 [mobowee@gmail.com](mailto:mobowee@gmail.com)



Recebido em 22/12/2025

Aceito em 25/01/2026

Publicado em 28/02/2026

### Resenha<sup>1</sup>

Pesquisar não é um ato neutro. Essa foi a ideia que insistiu em retornar ao longo da leitura *Pesquis-a-dor Social nos Estudos de Linguagem*. Não como uma conclusão imediata, mas como um incômodo persistente, daqueles que acompanham o leitor mesmo após o fechamento do livro. A coletânea não permite uma leitura distanciada ou confortável, pelo contrário, convoca quem lê a reconhecer que toda pesquisa envolve escolhas, recortes e posições, tornando insustentável a ideia de um olhar absolutamente neutro sobre a realidade.

Desde os textos iniciais, a obra se afasta do formato tradicional dos manuais metodológicos. Não há a promessa de segurança técnica nem a apresentação de um roteiro fechado a ser seguido. O que se oferece é uma reflexão densa sobre o fazer científico, compreendido como prática social, histórica e discursiva. A pesquisa aparece menos como aplicação de métodos e mais como processo atravessado por dúvidas, conflitos e responsabilidades.

Enquanto estudante e leitora, essa discussão me atravessou de maneira particular. Ao longo do percurso acadêmico, muitas vezes somos ensinados a esconder nossas posições em nome de uma suposta objetividade científica. O *Pesquis-a-dor<sup>2</sup> Social* desloca essa lógica ao mostrar que reconhecer a própria implicação não fragiliza a pesquisa, mas a torna mais consciente. A obra insiste na ideia de que não existe conhecimento produzido fora das condições históricas e sociais que o tornam possível.

Ao problematizar a noção de neutralidade, os textos reunidos na coletânea evidenciam que o rigor metodológico não se confunde com o apagamento do sujeito. O método, por si só, não garante uma relação ética com o objeto pesquisado, diferente disso, quando tratado como escudo contra qualquer forma de posicionamento, ele pode produzir uma falsa sensação de segurança. Nesse sentido, o livro convida o *pesquis-a-dor* a assumir responsabilidade não apenas pelo que diz, mas também pela forma como diz e pelas consequências de seu dizer.

---

<sup>1</sup> Sá, R. L., & Soler, C. A. (2024). *Pesquis-a-dor Social nos Estudos de Linguagem*. Editora Pimenta Cultural. <http://doi.org/10.31560/pimentacultural/978-85-7221-147-5>

<sup>2</sup> Opto, nesta resenha, pela grafia *pesquis-a-dor social*, conforme adotada na obra, por se tratar de um neologismo conceitual. A separação gráfica evidencia a compreensão do pesquisador como sujeito implicado ética e politicamente no ato de pesquisar, marcado por inquietações, deslocamentos e pela recusa de uma postura neutra ou distanciada. O termo articula o fazer científico à ideia de incômodo e responsabilidade, dimensões centrais que atravessam os textos da obra.

A obra é composta por dez capítulos que, embora distintos em temas e objetos, dialogam entre si a partir de uma preocupação comum: pensar o pesquisador como sujeito envolvido ética, política e historicamente na produção do conhecimento. Ao longo da leitura, fui percebendo que essa diversidade não fragmenta a obra, mas a fortalece, pois permite que diferentes dimensões do social sejam analisadas a partir de um compromisso crítico compartilhado.

No primeiro capítulo, a discussão sobre colonialidade do saber me provocou desde as primeiras páginas. Ao questionar a naturalização de epistemologias eurocentradas, o texto me fez refletir sobre quantas vezes, ao longo da trajetória intelectual, reproduzimos teorias sem interrogar suas origens e seus limites. A proposta de uma resistência arqueológica não aparece apenas como conceito, mas como convite a revisitar os fundamentos do que consideramos conhecimento legítimo.

O segundo capítulo, ao tratar da falsificação da notícia e do discurso nazifascista, produziu em mim um incômodo necessário. A análise da desinformação evidencia como a linguagem pode ser usada para manipular afetos, produzir medo e legitimar violências. Enquanto leitora, foi impossível não relacionar essa discussão ao contexto atual, em que discursos aparentemente banais circulam com efeitos profundamente destrutivos.

No terceiro capítulo, a reflexão sobre ética e banalização do mal aprofunda esse desconforto, pois o texto me levou a pensar sobre o perigo da indiferença e sobre como a repetição de discursos violentos pode torná-los aceitáveis. Como estudante em processo de construção crítica, senti que esse capítulo toca diretamente a responsabilidade de quem pesquisa, escreve e interpreta a realidade social.

O quarto capítulo foi, sem dúvida, o que mais me atravessou. Ao dialogar com Tomás de Aquino e Jacques Rancière, o texto propõe uma reflexão profunda sobre educação e emancipação intelectual. A discussão tensiona a relação entre mestre e aluno e desmonta concepções pedagógicas frequentemente naturalizadas ao longo da experiência universitária. Ao ler esse capítulo, fui levada a confrontar práticas educativas que, mesmo bem-intencionadas, acabam por reforçar a dependência intelectual do estudante em relação ao saber do mestre.

Essa tensão aparece de forma particularmente sensível quando o autor questiona: “Pois, se sob uma perspectiva temos a educação passiva, que está sujeita ao intelecto do mestre e que, de acordo com a segunda concepção, é embrutecedora; sob a outra, percebemos a educação como livre dos pressupostos presentes no mestre, porém, consoante com o primeiro, impossível de ser alcançada. Nesse sentido, é possível a convivência entre ambos os pensamentos ou um, necessariamente, anula o outro? Ainda, seria viável uma educação que nutre a alma com a dádiva da emancipação?” (p. 76).

Essa passagem me provocou um deslocamento que ultrapassa o debate teórico. Não se trata apenas de discutir modelos pedagógicos, mas de pensar a educação como experiência ética, capaz de construir-se sem violentar, de conduzir sem silenciar. A ideia de uma educação que “nutre a alma” rompe com uma concepção estritamente técnica do ensino e reinsere o processo educativo no campo da sensibilidade, da responsabilidade e da emancipação. Senti que esse capítulo não apenas analisa a educação, mas interpela diretamente quem ensina e quem aprende.

O quinto capítulo, ao abordar a misoginia e a violência simbólica, evidencia como discursos naturalizados sustentam desigualdades profundas. Ao ler esse texto, percebi o quanto a linguagem, compreendida como prática social e discursiva, participa da manutenção de estruturas de poder e como a análise crítica do discurso se torna ferramenta fundamental de denúncia e resistência.

No sexto capítulo, a discussão sobre a pós-municipalização da educação especial aproxima a reflexão teórica de políticas públicas concretas. A leitura desse texto reforçou em mim a ideia de que decisões institucionais não são abstratas: elas impactam diretamente a vida de sujeitos reais. Esse capítulo evidencia a importância de pesquisas comprometidas com a realidade social.

O sétimo capítulo, ao analisar a representação do cabelo da mulher negra no Facebook, me atravessou de forma especialmente sensível. O texto evidencia como as redes sociais reproduzem violências históricas e padrões estéticos excludentes, revelando que o racismo também se manifesta em discursos aparentemente cotidianos e naturalizados. Essa discussão dialogou diretamente com minha experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, onde acompanho duas alunas de cabelo afro que, por muito tempo, evitavam usá-lo solto em sala de aula.

Penso que cabe aqui um adendo a esse texto, enriquecendo-o e ilustrando-o com minha experiência no PIBID. Ao trabalharmos com exemplos de pessoas comuns que desenvolveram projetos sociais, uma das iniciativas apresentadas foi o projeto Patinhas Leitoras, idealizado por Helena e Duda Ferreira. A partir desse contato, percebi um deslocamento significativo no comportamento dessas alunas: elas se interessaram, pesquisaram mais sobre o projeto e, gradualmente, passaram a se expressar com mais segurança. Depois desse momento, começaram a frequentar as aulas com o cabelo solto, sem a vergonha que antes parecia acompanhá-las. Essa vivência me fez compreender, de maneira concreta, a importância de tratar questões raciais no espaço escolar. O capítulo, assim, ultrapassa a análise do discurso digital e evidencia como a forma como representamos corpos, identidades e estéticas impacta diretamente a construção da autoestima e da subjetividade de crianças e jovens.

O oitavo capítulo, ao apresentar um estado da arte sobre decolonialidade e educação docente, mostrou-se especialmente relevante para quem está em processo de construção da docência.. O texto organiza debates teóricos fundamentais e oferece um panorama que ajuda a situar pesquisas futuras, reforçando a necessidade de práticas educativas críticas e contextualizadas.

No nono capítulo, a análise da apresentação lexicográfica de verbos em dicionários bilíngues ampliou meu olhar sobre o ensino de línguas. O texto demonstra que até escolhas aparentemente técnicas carregam implicações pedagógicas e ideológicas, o que reforça a ideia de que nenhum material didático é neutro.

Por fim, o décimo capítulo, ao tratar do design instrucional no contexto brasileiro, retoma a preocupação ética que atravessa toda a obra. A leitura desse texto reforçou a necessidade de metodologias e ferramentas educacionais alinhadas às realidades sociais do país, e não apenas a modelos importados e descontextualizados.

A dimensão ética da pesquisa aparece, assim, como fio condutor de toda a coletânea. Representar o outro, narrar experiências e interpretar realidades envolve escolhas que produzem efeitos simbólicos e materiais. A obra convida o pesquisador a refletir sobre essas implicações, recusando uma ética meramente normativa e propondo uma ética construída no encontro com o outro, na escuta e na responsabilidade.

Ao concluir a leitura, não permaneceu em mim a sensação de ter apenas compreendido melhor um conjunto de debates teóricos sobre pesquisa. O que ficou foi algo menos confortável e, ao mesmo tempo, mais atravessador: a percepção de que pesquisar exige um envolvimento ético que não pode ser delegado ao método nem diluído nas normas acadêmicas.

Em suma, posso dizer que, essa leitura me afetou não apenas como estudante, mas como alguém que está aprendendo a pensar a pesquisa de forma ética. Em um momento em que a universidade, muitas vezes, nos empurra para a pressa, para a produtividade e para respostas prontas, a coletânea me convidou a desacelerar e a pensar. Pensar sobre o lugar que ocupo, sobre o tipo de conhecimento que desejo produzir e, sobretudo, sobre o tipo de relação que estabeleço com o outro no ato de pesquisar.

Talvez a maior força da obra esteja justamente em não oferecer certezas reconfortantes. Ao contrário, ela nos lembra que pesquisar é se expor, assumir limites e reconhecer que toda produção de conhecimento carrega marcas humanas, históricas e éticas. Ao final da leitura, fica a impressão de que o livro não encerra uma discussão, mas inaugura um compromisso: o de pensar a pesquisa como prática intelectual, educativa e profundamente humana.